

Mediar para (trans)formar: Desafios e experiências de mediação em contexto escolar

Mediate to (trans)form: Challenges and experiences of socio-educational mediation in a school context

Cristiana Pizarro Madureira

Resumo

O presente artigo apresenta os desafios da mediação socioeducativa em contexto escolar, concretamente numa escola da região de Trás-os-Montes, onde através da mediação se trabalhou com jovens pouco motivados para a aprendizagem e com comportamentos menos positivos em contextos sociais e educativos.

Assumida, desde a criação do Gabinete de Mediação, como uma prática/ferramenta holística passível de promover os direitos e deveres de cidadania, assim como promover a participação direta e ativa dos jovens, objetivámos envolver os alunos mediadores, começando pela sua formação, capacitação e empoderamento, com vista ao desenvolvimento de competências de mediação, de modo que exercessem um papel ativo, de liderança na mediação entre pares. Esta foi uma forma de promovermos a participação e a responsabilização dos alunos na promoção de uma cultura mais solidária, motivando-os a intervir como mediadores de pares, a fim de prevenirmos e diminuímos situações de conflito e a contribuímos para a (trans)formação e o desenvolvimento pessoal e organizacional.

Como resultado parcial partilhamos segmentos de texto de um aluno, que demonstram como a mediação o influenciou no seu processo de (trans)formação.

Palavras-chave: escola; mediação socioeducativa; transformação.

Página | 95

Abstract

This article presents the challenges of the author, as a Social Educator performing functions at the level of socio-educational mediation in a school context, specifically in a school in the region of Trás-os-Montes, where, through socio-educational mediation, she worked with young people who were not very motivated for learning and with less positive behaviors in social and educational contexts.

Assumed, since the creation of the Mediation Office, as a holistic practice/tool capable of promoting the rights and duties of citizenship, as well as promoting the direct and active participation of young people, we aimed; involve student mediators, starting with their training, training and empowerment, with a view to developing mediation skills, so that they play an active, leadership role in peer mediation. This was a way of promoting the participation and accountability of students in promoting a more solidary culture, motivating them to intervene as peer mediators, in order to prevent and reduce conflict situations and to contribute to the (trans)formation and personal and organizational development.

As a partial result, we share segments of a student's text, which demonstrate how mediation influenced him in his (trans)formation process.

Keywords: school; socio-educational mediation; transformation.



Aprender.

Introdução

“(...) Sou do gabinete de mediação
Passa por aqui nós vamos dar-te atenção
Sou mediador,
Vou acabar com toda a tua dor
Desses maus tratos vais poder desabafar
Connosco vais poder falar
Nós vamos ouvir
A tua dor vamos sentir
Tudo pelo que passaste
não vai ser em vão
Dou-te a minha palavra, isso é um não
Vou fazer com que mudes de opinião
Essas feridas abertas se fecharão (...)”

(Aluno da equipa de mediação: Guthyrrerres Rudgeri)

O excerto acima apresentado plasma um resultado parcial de uma experiência de mediação socioeducativa com um aluno de uma escola em Portugal e a sua influência na (trans)formação humana. Este artigo pretende dar a conhecer alguns desafios do processo de mediação socioeducativa e do seu poder (trans)formativo em contexto escolar, indo ao encontro do “tesouro escondido” mencionado no Relatório Delors. Neste caso, o tesouro foi descoberto em sessões de mediação socioeducativa, com um aluno de uma escola situada em Trás-os-Montes, por nós, enquanto técnica superior especializada a desempenhar funções de mediadora socioeducativa e coordenadora do Gabinete de Mediação deste Agrupamento de Escolas. O educador social assumiu um papel central na construção de relações de encontro com o outro, de modo a valorizar o potencial de todos e cada um com quem interage, pelo que, neste caso em particular, valorizou-se o talento para a poesia e através desta, contribuímos para um sentimento de bem-estar, (trans)formativo não só para o aluno, mas também para os seus pares e para toda a equipa de mediação que com ele interagia.

O educador social, enquanto técnico superior de intervenção social, desenvolve a sua intervenção em diversos contextos educativos e sociais e neste sentido procurar-se-á centrar a reflexão sobre a sua intervenção em contexto escolar, numa pedagogia de proximidade (Baptista, 2000), de modo a promover a construção de uma escola cada vez mais “democrática, intercultural para todos, por todos e com todos, aberta à diversidade e inclusão” (Peres, 2011, p. 125).

Estes valores são desenvolvidos em consonância com os princípios enunciados no “Perfil dos Alunos para o Século XXI”, uma vez que se pretende que o jovem, à saída da escolaridade obrigatória, seja um cidadão:

(...) livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia; capaz de lidar com a mudança e a incerteza num mundo em rápida transformação (...) capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com

Aprender.

competência de trabalho colaborativo e capacidade de comunicação; apto a continuar a sua aprendizagem ao longo da vida, como fator decisivo do seu desenvolvimento pessoal e da sua intervenção social; que conheça e respeite os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta; que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático e que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social (Martins, 2017, p. 14).

Também a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1995) sublinha a importância de incrementarmos práticas que desenvolvam a capacidade de resolução de conflitos de forma não violenta, promovendo um desenvolvimento integral.

Estas e outras premissas motivaram-nos conjuntamente com a equipa do Gabinete de Mediação desta escola a envolver os alunos mediadores neste projeto, começando pela sua formação, capacitação e empoderamento, com vista ao desenvolvimento de competências de mediação, de modo que exercessem um papel ativo de liderança na mediação entre pares. Esta foi uma forma de promovermos a participação e a responsabilização dos alunos na promoção de uma cultura mais solidária, motivando-os a intervir como mediadores de pares, a fim de prevenirmos e diminuirmos situações de conflito e a contribuirmos para a (trans)formação e o desenvolvimento pessoal e organizacional. Embora a mediação constitua uma estratégia eficaz na resolução de conflitos, não se limita apenas a resolvê-los, apresentando também e sobretudo a potencialidade de educar para a responsabilidade, para a cidadania e para a paz, empoderando e motivando para o exercício de práticas de convivência e de gestão positiva de conflitos que surjam no quotidiano escolar e social.

1. Breve abordagem conceptual

O educador social é um especialista de mãos vazias (Baptista, 2000), promotor de laços sociais numa perspetiva criativa e renovadora. Mais do que resolver tensões entre indivíduos ou grupos, o educador social promove relações interpessoais positivas, criativas, solidárias (Carvalho & Baptista, 2004).

Neste sentido, o educador social é um ator, autor e agente promotor da coconstrução contínua do ser humano e na promoção da integração de todas as dimensões da sua vida. Para dar resposta a estes grandes desafios, a UNESCO criou uma comissão internacional de educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, que produziu um relatório que defende a organização da educação com base em 4 pilares do conhecimento, centrados numa visão holística do indivíduo – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e com os outros e aprender a ser. O relatório

Aprender.

em apreço destaca que a história humana sempre foi conflituosa, sendo que um dos desafios da educação para o século XXI se refere ao “aprender a viver juntos”, tornando “imprescindível uma concepção de desenvolvimento humano que tenha como objetivo a realização plena das pessoas, do nascimento até à morte, definindo-se como um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, a relação com o outro” (Delors, 1996, p. 24).

Deste modo, o educador social é assim aquele que encara o conflito como uma oportunidade (trans)formativa e humanizadora de crescimento pessoal, uma vez que o “problema” não está no conflito em si, mas sim, no modo como é mediado, podendo constituir uma fonte de crescimento e desenvolvimento, decorrente das vivências e convivências do cotidiano e fazendo parte da história pessoal e social de cada um de nós.

Jares (2002) complementa dizendo que o conflito é uma das características definidoras da escola, por toda a sua pluralidade e que, portanto, a grande chave está no desenvolvimento de práticas de mediação e na sua resolução não-violenta.

Conceito de mediação

O apelo à mediação é visto, muitas vezes, como um projeto inovador, contudo, tem um longo e diverso legado civilizacional e cultural.

Revê-se na figura do sábio que era “consultado” para que os problemas fossem resolvidos. No século V a.C., Confúcio incentivou as pessoas a usar a mediação como principal meio de resolver conflitos, pois acreditava ser possível construir-se um “paraíso na terra,” desde que os homens pudessem entender-se e resolver pacificamente os seus problemas (Serpa, 1999). Recomendou que as partes encontrassem um pacificador neutro que ajudasse as partes a conseguir um entendimento.

No século XX, também encontramos personalidades que têm constituído referências indiscutíveis a nível internacional relativamente à mediação, com contributos na promoção da paz e da não-violência, sendo de destacar, Martin Luther King, Nelson Mandela, João Paulo II, Malala Yousafzai e Desmond Mpilo Tutu.

A mediação, definida como um método pacífico de resolução de conflitos, implica uma “escuta ativa e o entendimento do outro” (Vieira & Vieira, 2017, p. 47). Deste modo, a mediação constitui um instrumento de desenvolvimento e promoção da cultura de paz e de cidadania, de acordo com a Declaração por uma Cultura de Paz da UNESCO.

Partindo do pressuposto de que a escola é um dos agentes primordiais na educação para e pela cidadania, a mediação positiva apresenta-se como uma ação socioeducativa relevante na abertura de portas para o diálogo e para o encontro entre diferentes agentes educativos, colaborando na sua formação/capacitação e preparando-os para a (trans)formação dos indivíduos e dos contextos em que interagem.

Tal como refere Torremorell, é reconhecido que “o processo de mediação é eminentemente humano, não requer instrumentos nem dispositivos sofisticados: cada participante traz a sua visão do mundo, comunica-a e, eventualmente, modifica-a” (2008, p. 58).

2. Metodologia

Partilhamos da pedagogia de Paulo Freire (2005) que enfatiza o diálogo como “encontro dos homens e mulheres para pronunciar o mundo, onde os homens se solidarizam para o refletir e o agir, para transformá-lo” (p. 91).

Assim sendo, a metodologia que suporta o desenvolvimento deste projeto prende-se com a investigação-ação que se caracteriza segundo Coutinho et al. (2009) como um conjunto de “metodologias e investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica” (p. 360). Ou seja, a investigação-ação permitiu-nos desenvolver um processo colaborativo de investigação e coconstruirmos um Gabinete de Mediação, do qual resultaram alguns contributos que poderão eventualmente servir de exemplo a outras escolas, de modo a coconstruírem espaços privilegiados de mediação socioeducativa promotores de escolas mais humanas, interculturais, solidárias e inclusivas.

3. Contributos para a coconstrução de um Gabinete de Mediação - relatos de uma experiência

O educador social é um técnico de intervenção que colaborativamente e cooperativamente com uma equipa interdisciplinar exerce a mediação socioeducativa em diversos contextos e ambientes educacionais e sociais. Deste modo, serão apresentados alguns contributos decorrentes da experiência na coconstrução de um Gabinete de Mediação, bem como de algumas estratégias para lidar, com maior eficácia, com situações de conflito, possibilitando que todos os intervenientes possam desempenhar um papel responsável e ativo na promoção de uma cultura de paz, de cidadania, através da implementação de práticas de mediação intercultural e de gestão positiva e criativa de conflitos.

Reveste-se assim de extrema importância o trabalho colaborativo e cooperativo entre os diferentes intervenientes, sensibilizando, na e em comunidade, para a importância da mediação socioeducativa e intercultural, no sentido de uma pedagogia de proximidade. Neste sentido, a mediação socioeducativa surge como uma abordagem pedagógica para a (trans)formação criativa dos conflitos, constituindo-se como uma oportunidade de crescimento, mudança e de desenvolvimento pessoal e social, uma vez que contribui para a resolução dos problemas quotidianos, melhorando os ambientes em que os sujeitos se inserem e empoderando os indivíduos para saber conviver consigo mesmos e com os outros.

Conscientes de que o quotidiano escolar e social é repleto de conflitos, torna-se premente o desenvolvimento de práticas de mediação socioeducativa, que possibilitem desenvolver competências e estratégias que melhorem a comunicação, desenvolvam uma escuta ativa, empática, de modo a cimentar o desenvolvimento de relações interpessoais positivas e humanizadoras, nos diferentes contextos da comunidade.

De seguida, descrevem-se as principais etapas de concretização desse projeto de criação do Gabinete de Mediação.

Aprender.

Etapa 1 - Avaliação e diagnóstico de necessidades

A primeira etapa deste projeto foi a avaliação e o diagnóstico de necessidades. Para o efeito, o educador social poderá recorrer a uma variedade de técnicas de investigação social, nomeadamente a observação direta, participante ou não participante, a análise documental aos documentos estruturantes das instituições alvo da sua intervenção. Depois de identificadas as necessidades e as fragilidades da instituição no domínio relacional e socioeducativo, urge definir metas e os objetivos para o desenvolvimento do projeto de intervenção assentes em práticas colaborativas e cooperativas de mediação, que promovam o envolvimento ativo de todos os agentes e a sua corresponsabilização por um projeto de todos e para todos. Assim, uma das metas deste projeto diz respeito à promoção de uma cultura de paz, de convivência pacífica e de bem-estar entre os diversos agentes, atores e autores educativos.

Etapa 2 - Ações de sensibilização na e em comunidade, de modo a comprometerem-se com os objetivos do projeto e corresponsabilizarem-se pelo seu pleno desenvolvimento.

Etapa 3 - Formação e capacitação dos sujeitos envolvidos, de forma a desenvolverem competências para lidar com o conflito, aplicando técnicas de mediação positiva e dialógica e favorecendo a consolidação de uma educação para a paz, no contexto de uma cidadania ativa e democrática.

Etapa 4 - Constituição de uma equipa de mediação que envolva diversos profissionais das áreas social e educativa, bem como outros agentes da instituição, nomeadamente, encarregados de educação, alunos, assistentes operacionais, professores e outros agentes da comunidade.

Etapa 5 - Institucionalização do Gabinete de Mediação

A institucionalização do Gabinete de Mediação de modo a legitimar práticas de mediação socioeducativa, num espaço próprio de acolhimento e de diálogo intercultural.

Etapa 6 - Seleção e formação de mediadores para exercerem a mediação interpares

O educador social poderá difundir os seus saberes através do desenvolvimento de ações de formação/capacitação para pessoas que possam vir a exercer a mediação interpares nos diversos contextos (Azevedo & Caride, 2020; Caride, 2005). Assim, através da promoção de contextos desafiantes e do desenvolvimento de jogos pedagógicos, construção de materiais, participação em oficinas, poder-se-ão desenvolver competências socioeducativas, numa pedagogia do amor, do afeto e do laço social, de modo a sabermos gerir tensões, conflitos, frustrações e problemas do quotidiano, enquadrando-os na diversidade de culturas, situações e problemáticas, cada vez mais vivenciadas no quotidiano escolar.

Nesta etapa, enquanto mediadores assumimos um papel central na auscultação dos intervenientes a fim de percebermos quais as suas conceções sobre os conceitos de mediação, conflitos, culturas, entre outros, de modo a desconstruirmos preconceitos e

Aprender.

rótulos, motivando os indivíduos para o diálogo e a reflexão conjunta sobre estratégias de prevenção e resolução de conflitos, partindo sempre de uma visão positiva de conflito, numa cultura de paz. Nestas sessões, o mediador socioeducativo incentiva o diálogo interpares, o autoconhecimento, a auto e hetero-reflexão de modo a transformar as visões dos indivíduos sobre os contextos de ação, sobre os outros e sobre si mesmos, tendo como mote a “pedagogia da pergunta” (Freire e Faundez, 2012).

Etapa 7 - Avaliação do projeto, o projeto é avaliado periodicamente através de inquéritos por questionário, entrevista, observação, histórias de vida, entre outras técnicas de intervenção, possuindo um cariz autorregulador das *práxis* desenvolvidas, de modo a verificar-se o cumprimento de objetivos e a adequação das atividades aos contextos.

Quadro 1

Esquema síntese do projeto de Mediação Socioeducativa

PROJETO EDUCATIVO “Na diversidade, o sucesso de todos e para todos”				
Modelo de mediação (Trans)formativo e comunicacional				
ETAPAS do Projeto:	MEDIAÇÃO DE PARES Juntos “fazemos” uma ESCOLA e uma SOCIEDADE melhor!			
Etapa 1 - Avaliação e diagnóstico de necessidade	<table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td style="text-align: center;">Humanista</td> <td style="text-align: center;">Intercultural</td> <td style="text-align: center;">Transformadora</td> </tr> </table>	Humanista	Intercultural	Transformadora
Humanista	Intercultural	Transformadora		
Etapa 2 - Ações de sensibilização na e em comunidade				
Etapa 3 - Formação e capacitação dos sujeitos envolvidos	<table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td style="text-align: center;">Participativa</td> <td style="text-align: center;">Dialógica</td> <td style="text-align: center;">Pacificadora</td> </tr> </table>	Participativa	Dialógica	Pacificadora
Participativa	Dialógica	Pacificadora		
Etapa 4 - Constituição de uma equipa de mediação				
Etapa 5 - Institucionalização do Gabinete de Mediação	Objetivos gerais: - Consolidar uma cultura de convivência pacífica; - Promover o desenvolvimento humano; - Capacitar a comunidade educativa para usarem, de forma confiante, as suas capacidades relacionais e empáticas; - Promover o interesse dos alunos pelas questões do respeito pela diversidade, da paz e da não violência.			
Etapa 6 - Seleção e formação de mediadores para exercerem a mediação interpares				
Etapa 7 - Avaliação do projeto	Objetivos específicos: - Promover uma comunicação assertiva, baseada na escuta ativa e no empoderamento. - Valorizar o talento e o potencial de cada um dos agentes educativos; - Criar um ambiente de bem-estar e de acolhimento na e em comunidade; - Promover lideranças positivas entre pares.			

Aprender.

Depois de criado o Gabinete de Mediação, foram pensadas e coconstruídas atividades tendo por base algumas das áreas de competências enunciadas no “Perfil dos Alunos”, procurando assim contribuir para a formação e (trans)formação dos seus intervenientes, bem como dos contextos. Desta forma, ao promover-se o desenvolvimento humano individual, está também a contribuir-se para o desenvolvimento humano organizacional e para a consolidação do *ethos* de escola que se assume diariamente como uma “escola aprendente” (Santos Guerra, 2001; Bolívar, 2003; Alarcão, 2013). De seguida, enunciam-se as competências do mediador, que adaptámos tendo por base as áreas de competências do “Perfil dos Alunos para o Século XXI”.

Quadro 2

Competências do mediador tendo em conta o “Perfil dos Alunos para o Século XXI “

Áreas de Competências	Competências do Mediador
<ul style="list-style-type: none">○ LINGUAGENS e TEXTOS Utilização eficaz dos códigos que permitem exprimir e representar conhecimento em várias áreas do saber, conduzindo a produtos linguísticos, musicais, artísticos, tecnológicos, matemáticos e científicos.	<ul style="list-style-type: none">✓ Comunicar com assertividade;✓ Aplicar estas linguagens, através de uma escuta ativa, e tendo em conta os diferentes contextos de comunicação;✓ Dominar capacidades de compreensão e de expressão nas modalidades oral, escrita e visual.
<ul style="list-style-type: none">○ INFORMAÇÃO e COMUNICAÇÃO Seleção, análise produção e divulgação de produtos, experiências e conhecimento em diferentes formatos.	<ul style="list-style-type: none">✓ Divulgar o projeto de mediação presencialmente ou a distância;✓ Elaborar vídeos de divulgação do projeto. (Neste projeto em particular foi elaborado um vídeo e publicitado no site do Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar: https://pnpse.min-educ.pt/node/54);✓ Publicitar e divulgar o projeto na rádio escolar;✓ Elaborar e expor cartazes (in)formativos nos diferentes espaços escolares.
<ul style="list-style-type: none">○ DESENVOLVIMENTO PESSOAL e AUTONOMIA Desenvolvimento da sua capacidade de integrar pensamento, emoção e comportamento, construindo a confiança em si próprio, a motivação para aprender, a autorregulação, a capacidade de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas, que possibilitam uma autonomia crescente nas diversas dimensões do saber, do saber fazer, do saber ser e do agir	<ul style="list-style-type: none">✓ Identificar áreas de interesse e de necessidade de aquisição de novas competências;✓ Consolidar e aprofundar as competências que já possuem, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida;✓ Conhecer-se a si próprio, através de exercícios de autorreflexão;✓ Estabelecer objetivos e traçar projetos de vida, com sentido de responsabilidade e autonomia.
<ul style="list-style-type: none">○ BEM-ESTAR, SAÚDE e AMBIENTE Referem-se à qualidade de vida do indivíduo e da comunidade.	<ul style="list-style-type: none">✓ Adotar comportamentos que promovam a saúde e o bem-estar;✓ Manifestar consciência e responsabilidade ambiental e social;

Aprender.

	<ul style="list-style-type: none">✓ Envolvimento em projetos de cidadania ativa;✓ Conscientização de que os nossos atos e decisões afetam a nossa saúde, bem-estar e o ambiente com vista à construção de um futuro sustentável.
<ul style="list-style-type: none">○ CONSCIÊNCIA e DOMÍNIO do CORPO Compreender o corpo como um sistema integrado e de o utilizar de forma ajustada aos diferentes contextos.	<ul style="list-style-type: none">✓ Ter consciência de si próprio a nível emocional, cognitivo, psicossocial, estético e moral por forma a estabelecer consigo próprio e com os outros uma relação marcada pela empatia.
<ul style="list-style-type: none">○ RELACIONAMENTO INTERPESSOAL Interagir com os outros, nos diversos contextos escolares, sociais e emocionais. Permite reconhecer, expressar, gerir emoções e construir relações positivas.	<ul style="list-style-type: none">✓ Negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de saber estar, de saber ser e de saber conviver e participar no contexto escolar;✓ Comunicar assertivamente quer presencialmente quer em rede, seguindo as regras de conduta próprias de cada ambiente;✓ Interagir no contexto escolar, com tolerância, empatia e responsabilidade;✓ Ser capaz de lidar positivamente com o conflito.
<ul style="list-style-type: none">○ RACIOCÍNIO e RESOLUÇÃO de PROBLEMAS Aceder à informação, interpretar experiências e produzir conhecimento. Capacidade de encontrar respostas para uma nova situação, mobilizando o raciocínio com vista à tomada de decisão e à eventual formulação de novas questões.	<ul style="list-style-type: none">✓ Tomar decisões para resolver positivamente situações do quotidiano escolar e social;✓ Analisar os problemas e os desafios encontrados na práxis da mediação.

Fonte: Elaboração própria

Face à sistematização das áreas de competências do “Perfil dos Alunos”, entende-se que o educador social dada a polivalência da sua formação, agrega múltiplas competências que lhe permitem intervir em diferentes contextos, concretamente em contexto escolar através da mediação socioeducativa, estando capacitado para trabalhar colaborativamente com educadores, professores, não docentes, encarregados de educação, de modo a conjuntamente promoverem o desenvolvimento de competências nos domínios das linguagens e textos; informação e comunicação; desenvolvimento pessoal e autonomia; bem-estar, saúde e ambiente; consciência e domínio do corpo; relacionamento interpessoal e raciocínio e resolução de problemas.

Conclusão

A escola constitui um espaço privilegiado de aprendizagem, devido à sua estrutura organizativa, oferecendo a possibilidade de experimentar e aprender os princípios da democracia participativa, promovendo a igualdade, a diversidade, a interculturalidade e a inclusão. Enquanto espaço de encontro, facilitador de uma relação mais próxima entre os alunos, a escola promove a aquisição, a transmissão e a partilha de competências e de valores, desenvolvendo a valorização humana e a cidadania ativa. Para tal, é necessário que os profissionais da educação sejam “qualificados em todas as

Aprender.

dimensões: pedagógicas, profissionais, éticas e humanas” (Bonifácio, 2017, p. 276). Esta qualificação interdimensional permitirá, através da educação, ajudar a encontrar o tesouro em cada um daqueles com os quais nos relacionamos.

Neste sentido, concluímos que através da mediação socioeducativa, pudemos criar oportunidades de encontro e interação, de ajuda e solidariedade, de colaboração e cooperação, favorecedoras do desenvolvimento de *soft skills*, necessárias aos desafios e mudanças do mundo global.

Reconhecemos que a escola não é apenas um local de aquisição e assimilação de saberes, mas também é palco de encontros e desencontros, relações de competição e choques de interesses ou opiniões, pelo que o educador social constituiu um agente central na socialização e desenvolvimento de saberes ser/estar e saber (con)viver, na e em comunidade. Deste modo, a escola traduziu-se num espaço de convivência de eleição, em que através da mediação se proporcionaram oportunidades de conhecimento e (re)conhecimento mútuos, respeitando as diferenças e a individualidade, fortalecendo e potencializando os laços sociais. Através do desenvolvimento de práticas de mediação socioeducativa, o educador social, assumiu um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes, críticos e comprometidos consigo próprios e com os outros, despertando o melhor de cada indivíduo, promovendo a descoberta e a valorização do potencial de cada um, geradores de autoestima, através de desafios e da oferta de atividades socioeducativas diversificadas e motivadoras (Madureira, 2022).

Sublinhamos a ideia de que

os espaços de mediação devem ser encarados cada vez mais, como espaços de superação da linguagem dicotômica nós/outros, gerando uma cultura mediadora, alavancada pela pedagogia da convivência. Efetivamente, estes são espaços de relação, de diálogo, de afeto, abertos a todos, onde emerge a capacidade cativar, através da pedagogia do encontro com o outro, de modo a promover a transformação dos agentes educativos envolvidos (Peres & Madureira, 2022, p. 36).

A mediação socioeducativa e intercultural, além de contribuir para a (trans)formação dos indivíduos, tal como aconteceu com o aluno inicialmente referido, também promoveu o desenvolvimento de práticas reflexivas pelos agentes educativos e pela própria escola, em que refletindo sobre si mesma, procurou melhorar as suas práticas, valorizando experiências positivas, aprendendo assim também a reconstruir-se e a (trans)formar-se num processo de desenvolvimento humano.

Rematámos como iniciámos, com a letra de uma música *rap* escrita pelo aluno do Gabinete de Mediação antes citado, que explicita o papel do mediador. É um exemplo real de alguém que encontrou na mediação positiva uma oportunidade de se (trans)formar, como nos sugerem abaixo as suas palavras:

.Aprender.

Eu sou do Agrupamento...
Não, não tenho fins
Só nos meus confins
Empatia, preocupar-me com outra pessoa
Isso é simpatia
Sou mediador, não sou pecador
Passei pelo processo,
Alcancei o sucesso,
Ya, eu converso, processo, não tropeço,
Meu puto, eu arremesso,
União, ya, cheguei à conclusão,
Que basta ter inclusão
Uma multidão eu ajudei,
Ya, eu ajudei
Ya, eu tenho coração.
Sei conviver,
Não precisas ter
Só aparecer
A gente vai ver
Eu só quero paz
Não quero que vás...
quero que fiques onde estás
está na altura de partilhar
procurar um amigo e desabafar
quem sabe presentear
ainda sou tão puto
e mesmo assim vejo o vulto
sempre de luto
tudo oculto
boas notas, ya eu vou tirar
vou ganhar à pala de projetos vou passar
quem sabe, bazar
por agora tenho que focar e melhorar
não, não estou a brincar
sou do PIEF aqui p'ra estudar
e pr'a mentalizar que o que foco hoje
no futuro me pode ajudar
o rap é curto e tá a acabar
setora, não me vai perguntar
que nota quero tirar
focar no objetivo e avançar
abraça as tuas oportunidades
ver o mundo cheio de unidades.

(Aluno da equipa de mediação: Guthyrrerres Rudgeri)

Bibliografia:

Alarcão, I. (2013). Reflexão crítica sobre o pensamento de Schön e os programas de formação de professores. In I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão* (pp. 11-39). Porto Editora.

Azevedo, M. L., & Caride, J. A. (2020). A pedagogia social: contextualização e fundamentação teórico-histórica. *Laplage em Revista*, 6(3), 5-16. <https://doi.org/10.24115/S2446-6220202063931p.5-16>

Baptista (2000). Educador Social - Especialistas de Mãos Vazias. *A Página da Educação*, 94, s.p. <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=94&doc=8139&mid=2>

Baptista, I. (2009). Educabilidade e laço social – ética e política da alteridade. In Conferência Internacional - Novos Desafios Educativos e Cidadania Social, Porto, Portugal, 16-17 abril. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional. Número Especial - Actas da Conferência*, 15-29.

Bonifácio, E. (2017). (Pre)ocupações do Professor no Séc. XXI. In A. G. Barbosa, M. N. Ibraimo, M. S. Laita, & I. Mussagy, *Desafios da Educação - Leituras Actuais* (pp. 225-230). Universidade Católica de Moçambique.

Bolívar, A. (2003). A escola como organização que aprende. In R. Canário (Org.), *Formação e situações de trabalho* (pp. 79-100). Porto Editora.

Caride, J. A. (2005). *Las fronteras de la pedagogia social. Perspectivas científica e histórica*. Editorial Gedisa.

Carvalho, A. D., & Baptista, I. (2004). *Educação Social – Fundamentos e estratégias*. Porto Editora.

Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355- 379.

Delors, J. (Coord.) (1996). *A Educação um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Edições ASA.

Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.

Freire, P., & Faundez, A. (2012). *Por uma pedagogia da Pergunta*. Paz e Terra.

Jares, X. R. (2002). *Educação e Conflito: guia de educação para a convivência*. Edições Asa.

Madureira, C. (2022). Desafios de ser Mediadora Socioeducativa – experiências e vivências de educação intercultural. In A. Silva-Júnior (Org.), *Criatividade e Educação: Inovação, Presente e Futuro* (pp. 107-122). V&V Editora.

Madureira, C. (2021). Experiências de mediação e inovação educativa e inovação educativa em tempos de ensino a distância. In J. M. Rodríguez (Ed.), *Avances en Ciencias de la Educación* (p. 79). Editorial DYKINSON

Aprender.

Martins, G. (Coord.), Gomes, C., Brocado, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Encarnação, M. M., Horta, M. J., Calçada, M. T., Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Ministério da Educação. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1995). Declaração e plano de ação integrado sobre a Educação para a paz, os direitos humanos e a democracia. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000112874_por

Peres, A. N. (2011). *Educação Intercultural e cidadania*. Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia.

Peres, A. N., & Madureira, C. (2022). Caminhos de e para a interculturalidade. *A Página da Educação*, 219, 36-37.

Santos Guerra, M. (2001). *La Escuela que Aprende*. Ediciones Morata.

Serpa, M. N. (1999). *Teoria e prática da mediação de conflitos*. Lumen Juris.

Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto Editora.

Vieira, R., & Vieira, A. (2017). Construindo pontes e travessias: das mediações sociais à mediação intercultural. *Mediações Revista OnLine*, 5(1), 44-56.

Notas sobre a autora:

Cristiana Pizarro Madureira

cristiana.madureira@ipleiria.pt

ORCID: 0000-0002-2167-849X

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
Instituto Politécnico de Leiria

Recebido em: 6/10/2022

Aceite, depois de revisão por pares, em: 15/11/2022